

Cuba rememora o fuzilamento de oito estudantes de medicina em 1871



homenagem aos oito estudantes de medicina, no 150o aniversário de seu fuzilamento.

Havana, 27 de novembro (RHC) A execução por fuzilamento de oito estudantes de medicina, um dos crimes mais hediondos cometidos pelo regime colonial espanhol em Cuba, é lembrada hoje por ocasião do 152º aniversário desse evento.

Mesmo com o passar do tempo, o horrendo evento de 27 de novembro de 1871 retorna à memória histórica da nação como outro exemplo da perversidade de impérios em declínio, como o da Espanha, que estava recebendo golpes esmagadores do Exército de Libertação de Cuba.

Nesse contexto, a resposta foi criar um clima de terror em toda a Ilha, com base em denúncias de supostos atos contra seu governo, um dos quais levou à prisão, ao julgamento apressado e à execução sem contemplação dos jovens inocentes.

Os eventos começaram em 24 de novembro, quando um grupo de estudantes, enquanto aguardava a chegada de seu professor, percorreu o cemitério de Espada, na capital colonial de Cuba, alguns brincando com o carrinho que transportava cadáveres e um deles pegou uma rosa do cemitério.

Uma denúncia do zelador - mortificado pelo "dano" ao seu jardim - acusou falsamente os garotos de terem profanado o túmulo do jornalista Gonzalo Castañón, que tinha pregado o extermínio dos cubanos e do repovoamento da ilha com espanhóis.

As investigações históricas confirmaram não apenas a falsidade da acusação e a inocência implícita nos atos daqueles adolescentes, mas também as injustiças que se seguiram para os 45 presos.

Após uma primeira corte marcial, que concluiu não haver motivos para culpá-los, alguns foram libertados e outros receberam penas menores, mas a impotência e a sede de vingança política da Espanha pelas derrotas militares contra as tropas pró-independência no interior de Cuba eram evidentes.

O Corpo de Voluntários Espanhóis, então, pressionou por uma segunda audiência oral com outro tribunal que condenou cinco dos jovens presos e três outros escolhidos aleatoriamente à pena máxima.

Investigações posteriores mostraram que um deles nem sequer estava em Havana no dia dos fatos.

A execução sumária dos futuros médicos cubanos foi rejeitada dentro e fora da Ilha e, nas fileiras espanholas, os capitães Nicolás Estévez e Federico Capdevila, o defensor público dos jovens acusados, renunciaram a seus cargos.

A Espanha fez um gesto de "mea culpa" diante do escândalo causado por sua crueldade e, após uma investigação, removeu de seus cargos o capitão-geral de Cuba, Blas Villate, seu segundo em comando, Romualdo Crespo, e o governador político Dionisio López, o principal instigador, promotor e culpado.

<https://www.radiohc.cu/pt/noticias/nacionales/340524-cuba-rememora-o-fuzilamento-de-oito-estudantes-de-medicina-em-1871>



Radio Habana Cuba